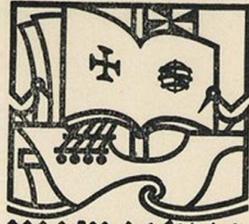
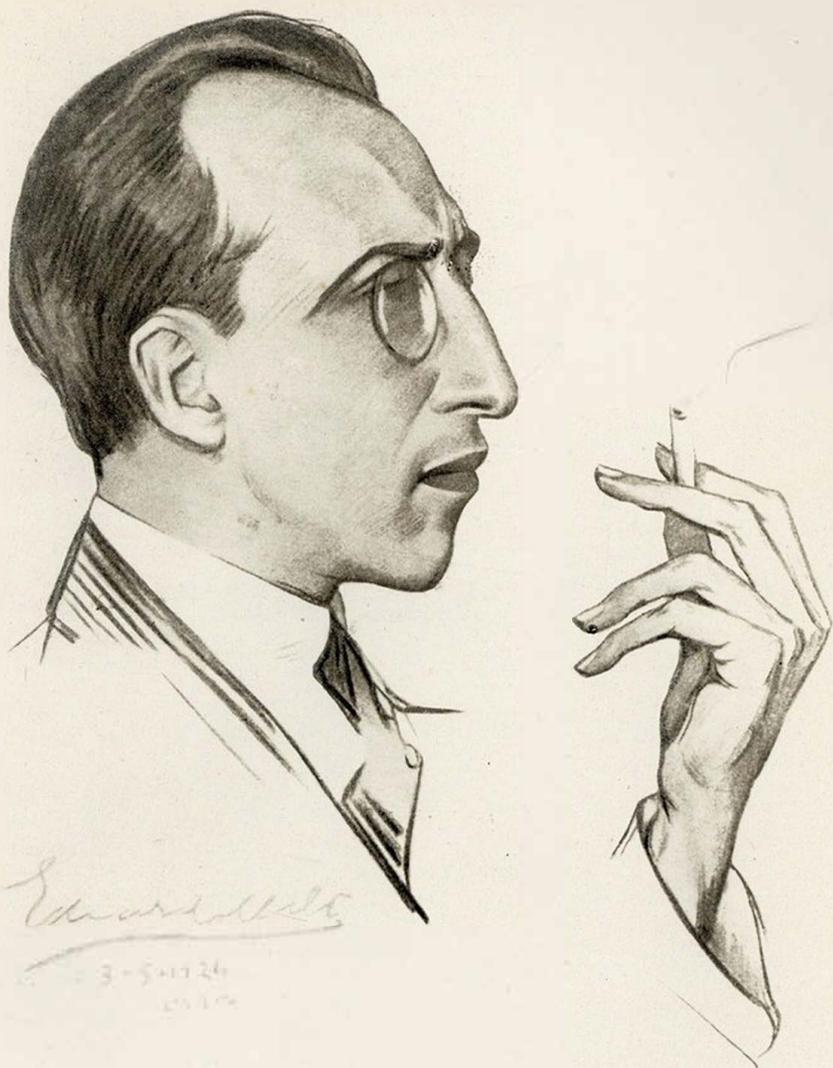
O poema de Lisboa

augusto de S.ta Rita

Municipio
de Lisboa

EX-LIBRIS
AB: IMO:
PECTORE
SANTA: RITA
AEQVO
ANIMO

Augusto de Santa Rita
1924

O Poema de Lisboa

DO MESMO AUTOR

1912 — **Árias, Rezas, Canções e Cantares** *I Série**

1916 — **Árias, Rezas, Canções e Cantares** *II Série*, musicadas por D. Luis de la Cruz Quesada*

1916 — **Praias do Mistério** — *Poemas**

1917 — **A Rosa de Papel** — *Poema lírico* musicado por Rui Coelho e representado no teatro de S. Carlos**

1920 — **O Mundo dos meus Bonitos** — *Poemas, Primeira Edição, com ilustrações de Cotinelli Telmo**

O Mundo dos meus Bonitos — *Segunda Edição com um Estudo-crítico do Professor Dr. Vieira de Almeida*

1925 — **Auto da Vida Eterna** — *Poema lírico, com o retrato do Autor e vinhetas de Eduardo Malta*

1927 — **A Vida de Jesus** — *(Para as crianças) com ilustrações de Eduardo Malta*

1928 — **PÁ-TÁ-PÁ** — *Poesias infantis, com ilustrações de Eduardo Malta**

1928 — **CÓ-CÓ-RÓ-CÓ** — *Contos infantis, com ilustrações de Eduardo Malta**

1930 — **De Marçano a Milionário** — *Novela infantil, com ilustrações de Raquel Roque Gameiro*

1930 — **O Poema de Fátima**, *com desenhos de Olavo de Eça Leal*

1932 — **A Bolinha Mágica** — *Novela infantil, com desenhos de Arcindo Madeira*

1946 — **A Cartilha Visual** — *Método de Ensino Pré-primário, com desenhos de Fernando Alves de Sousa*

1951 — **A Princesa Estrelinha** — *Novela infantil, com desenhos de Otelo Azinhais*

1954 — **A História do Nosso Amor** — *(O livro de oiro dos noivos e bencasados) — Ilustrações de Raquel Roque Gameiro*

1956 — **O Poema de Lisboa** — *(Edição da Câmara Municipal de Lisboa).*

* Edição esgotada

TEATRO

Fora do Mercado:

Lobos no Povoado — *Drama rústico num acto, representado no Teatro da Trindade em 1916*

O Auto da Tentação — *Três actos em colaboração com Luis de Oliveira Guimarães, representado no Teatro do Povo do S. P. N. nos anos de 1938-39*

A Cabrinha Mé-mé, o Burro e o Papagaio — *Teatro infantil, representado por fantoches no Teatro de Mestre Gil, nos anos de 1943-44-45*

Nossa Senhora da Agreła — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1944-45-46*

Pio-Pio-Sabichão — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1945*

A Venda dos Bois — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1945*

Santo António em Procissão — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1945-46-47-55-56*

Eternidade — *Poema teatral, representado no Teatro-Estúdio do Salitre, em 1950*

O Zagalote — *Drama rústico, representado no Teatro-Estúdio do Salitre, em 1950*

O Capuchinho Vermelho — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1955-56*

A Cinderela — *Teatro infantil, representado no Teatro de Mestre Gil, em 1956*

ENCORPORAÇÃO
5-JUN 1957

AUGUSTO DE SANTA-RITA

O. 237 A.

O POEMA DE LISBOA

R. Priv. 5º 208

LISBOA
1957

Esta obra, que a Câmara Municipal de Lisboa acolheu carinhosamente, é lançada a público poucas semanas depois do falecimento inesperado do seu Autor. Augusto de Santa-Rita pôde ainda aconselhar pormenores da edição, rever as provas tipográficas, dar, aqui e além, alguns retoques a certos versos de composições escritas já há alguns anos. Das suas mãos, que em breve se enregelariam para sempre, O Poema de Lisboa *saiu, no entanto, acabado e perfeito, pois até a dedicatória em memória do grande e ilustre amigo António Ferro — que devia ser o seu prefaciador, mas que o antecedeu de mês e meio apenas no caminho da Eternidade — ele nos deixou escrita ao sopro inspirador das derradeiras horas da sua existência. Assim, sobre este livro, dum tão terno, fragrante e sentido lirismo citadino, fica pairando duplamente a sombra melancólica da Morte.*

Recordando o cantor delicado e sensível duma Lisboa, que o contínuo trabalho dos homens e a marcha inexorável dos tempos vai transformando sem lhe apagar, contudo, a resplandecente chama espiritual, a que poderão aquecer-se sempre os corações eleitos que a souberem encontrar e amar, a Câmara Municipal, reconhecida ao Poeta que da capital fez rico motivo dos seus sonhos, aqui lhe consigna o seu justo e merecido louvor.

Janeiro de 1957.

EM MEMÓRIA

do saúdoso Camarada e Amigo

ANTÓNIO FERRO

que, por seu prematuro e inesperado falecimento, não pôde, conforme desejo manifestado por várias vezes, escrever algumas palavras sobre este Poema, cujos versos ele estimava mais do que o próprio Autor, dada a natureza da Obra, pura e simplesmente objectiva.

Quem não viu Lisboa,
Não viu coisa boa!...

Adágio popular.

. . . .

De Lisboa os monumentos
quem vos pudera pintar!
as igrejas, os conventos,
o Tejo, as Torres, o mar
bordado de naus aos centos,
de mil diversas bandeiras!
Essas praças galhofeiras,
esses largos, esses cais,
o vozear da Cidade,
e a solene majestade
dos velhos paços reais.

«D. Jayme».

Tomaz Ribeiro.

Lisboa...!
Ó terra de luz boa...
Lisboa, boa Lisboa!...

Brinquedo da minha Infância
que a Distância
colocou em meu regaço
mal nasci;
à tua sombra cresci!
Enfim, já posso abraçar-te,
já cabes em meu abraço!
Brinquedo que se não parte,
sempre novo,
com que o povo,
— (essa ingénua criança,) —
jamais se cansa
de brincar!
....
....
Brinquedo lindo, que contra
o peito minh'alma aperta;
Sempre a tentar-me na montra
da minha janela aberta.

De «O Mundo dos meus Bonitos».

Augusto de Santa-Rita.

Rua Gomes Freire

Numa casa lisboeta,
muito franca e prazenteira,
foi que nasceu o Poeta
que é senhor desta «maneira»...

A maneira como trato,
neste livro, isto e aquilo...
O verdadeiro retrato
de um poeta é o seu estilo.

Cada qual tem o seu modo,
cada qual sabe de si...
Aqui, pois, eu me dou todo
na Lisboa em que nasci.

Cada ser, cada pessoa
traz consigo a terra... Assim,
eu cá nasci em Lisboa,
Lisboa nasceu em mim!

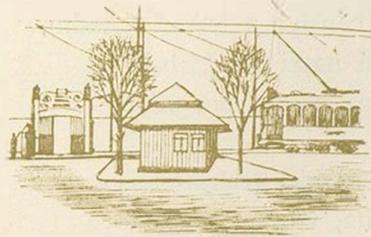
Em minhas artérias ferve,
palpita, vibra, cachôa,
o mesmo sangue que serve
as artérias de Lisboa.

É o mesmo o ar que respira
a sua e minha garganta...
Por isso, na minha lira,
o fado seu chora e canta!

Foi numa das tuas ruas,
das mais pertinhas do Céu,
que, ao fim de umas tantas luas,
mais um Poeta nasceu.

Eram dez horas e vinte
nos relógios da Cidade,
toda a sorrir, num requinte
de graça e de claridade.

A Primavera floria,
amadurecendo o trigo,
e o sonho que eu já trazia
embrionário comigo;

O sonho, doirada gema
do ovo: — a Vida, no qual
a graça deste Poema
chocou-a o meu Ideal.

ESCOLA
MILITAR
SEDE
A VIVER

Lisboa

Vereis um mundo numa só cidade.
A quem de prata e d'ouro, o Tejo ufano,
Banha em sinal de eterna majestade.

Ulisseia — Século XVI. G. P. DE CASTRO.

Lisboa,
cidade boa,
capital
de Portugal,
sobre a qual,
às revoadas e tombos,
esvoaça, paira, voa
um lindo bando de pombos,
às voltas,
reviravoltas,
em lindo salamaleque,
de níveos, sedosos lombos
e airosas caudas em leque !

Quem não teve a Dita,
ainda,
de haver posto os olhos nela,
venha vê-la, venha vê-la,
tão bonita !
Ai não há outra tão linda
nem tão bela !

Lisboa,
boa
cidade,
em cujo agasalho brando,
perpassa tal suavidade
como a saudade
que invade
uma vèlhinha evocando
seus tempos de mocidade!

Quem não teve inda a ventura,
sumo bem,
de ver sua formosura,
lêsse embora a Ulisseia,
não pode fazer ideia
da ternura,
singeleza
e beleza
que ela tem!

Lisboa — (sete colinas
de mármore e de granito —
ninho de águias pequeninas
desafiando o Infinito!
Lisboa — esbelta moirinha —
moira
loira
que o sol doira,
toda luz!
Moirinha em pedra encantada,
não sei se por uma Fada
ou se por Nossa Madrinha:
— a Vírgem Nossa Senhora!

Quem afirmar ou disser,
— (como quem diz e não pensa,) —
que a viu mas não a achou bela,
— coitadinho! —
não teve olhos para a ver,
é mais cego que um cèguinho
de nascença.

Estrangeiros, vinde vê-la,
se puderdes!...
Baixai, baixai, bem podeis,
lá dos nortes, lá dos lestes,
dos sudoestes
ou súis
de todo o Mundo! Vereis
poentes rubros, céus azuis,
uma luz viva, amarela,
campos verdes, muito verdes!...
É a mais bela
aguarela
que Deus pintou... Vinde vê-la!
....
Zimbórios, torres, estandes,
pontes, ameias, ruínas,
e chaminés, muito grandes,
em suas mil oficinas.
Feérica, linda Cidade,
sob faróis e luzinhas,
luar, electricidade,
e um chuveiro de estrelinhas.

Lisboa de antigos monges,
de conventos e de frades...
de formosíssimos longes
e estranhas imensidades!...

Barcos sonhando nos cais:
— (Africas, Índias, Brasís...) —
Barra... Outra Banda... Cascais...
Serra de Sintra... Estorís!...

Lisboa dos mangericos
e craveiros nos telhados!...
Lisboa dos namoricos
loucamente apaixonados,
da rua para janelas,
das janelas para a rua,
sob uma bênção de estrelas
e ao doce clarão da lua!

Da cotovia a cantar,
do chorar do rouxinol,
das serenatas ao luar,
dos regimentos ao sol!

Bandeiras, foguetes, salvas,
de luminárias, lanternas...
Fadistas e marialvas
cantando pelas tabernas!

De enguiços, superstições,
dos bons e dos maus prenúncios...
cartazes, vivas, pregões
e luminosos anúncios!

De procissões e touradas,
mil promessas ao Senhor...
de juras apaixonadas,
loucos ciúmes de Amor!

Varinas de pé descalço...
olhos garços, tranças loiras...
E de estudantes no encalço
das meninas casadoiras.

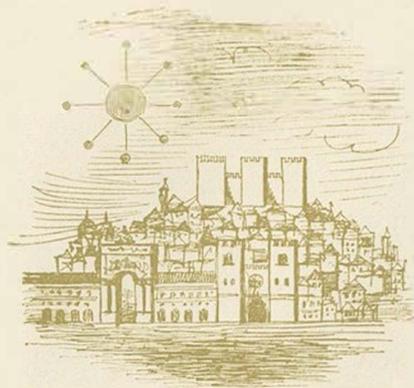
De pitorescos marujos
de aspecto desempenado,
ardinas, gaiatos sujos,
ceguinhos cantando o Fado!

Cocheiros e carroceiros,
com o chicote aos estalos,
e sotas ágeis, ligeiros,
em dianteira aos cavalos.

Dos asilados vèlhinhos
pela Avenida adiante,
evocando os soldadinhos
com que eu brinquei quando infante!

Das frescas, moças acácias,
e verdes musgos, tão velhos!
Das madrugadas rosáceas
e dos poentes vermelhos!

....

Lisboa,
cidade boa;
capital
de Portugal!

Cidade lírica

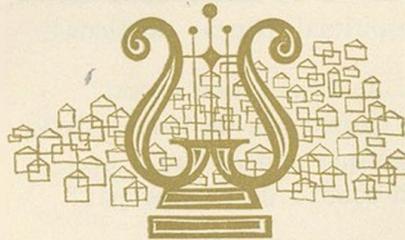
Ó lírica Lisboa o teu ar tão poético,
umas vezes realista, outras vezes romântico,
beijada pelo Tejo e a dois passos do Atlântico,
à luz dum sol radioso ou dum luar magnético,
merece bem que exalte o estro meu, num Cântico,
o teu perfil bizarro e o teu sentido estético.

Ó lírica Lisboa, o teu doce lirismo
de claro céu de anil e estranha luz radiosa,
trepadeiras em flor e casas cor-de-rosa,
com esse ar que há em mim sempre que sonho ou cismo,
vive em Deus, para Deus, nestes meus versos, diz-mo
não sei que ancestral voz, estranha, misteriosa!

Ó lírica Lisboa o teu sorriso ledo,
com que a todo o momento a nossa visão topa,
gatos dormindo ao sol, ao sol còrando a roupa,
à janela, a secar, de manhãzinha cedo,
é como um mangerico à janela da Europa,
é como, em linda montra, um ingénuo brinquedo!

VINHOS
e
PETISCOS
6
DROGARI
9

Tua infinita graça, encanto que enternece,
teu estranho condão de singular magia,
tem o ingénuo ar de alegre romaria
lembra fogo de vista, à noite na quermesse,
girândola em verbena e lembra, em pleno dia,
uma feira, arraial, vitral num templo em prece!

Panorama irreal, belo pano de fundo
do cenário, sem par, do rio Tejo, aos pés
do qual o sonho em flor de cada português,
com orgulho, revive o seu labor fecundo
na conquista do Mar! Sem dúvida tu és,
Lisboa, a capital mais lírica do Mundo!

Céu azul...

Céu azul de Lisboa com miríades
de estrelinhas e sóis, formoso céu;
da cor do manto lindo que envolveu
a Virgem Mãe, Madrinha dos lusíadas.

Céu azul de Lisboa, céu aberto,
cheio de sol de cor, de alacridade,
murmurando aos ouvidos da cidade:
— «olhai, vizinha, tendes Deus tão perto» !

Céu azul de Lisboa, céu dos céus,
luz metálica, intensa, cristalina,
quinta-essência do sonho, onda divina,
abraço espiritual, bênção de Deus !

Céu azul de Lisboa que apesar
de ser o mesmo céu de toda a parte,
não sei porque motivo tem a arte,
o bizarro condão de não ter par !

Céu azul de Lisboa, céu que encerra
tanta magia como o céu do Céu !
se Deus tem um, eu também tenho um meu,
pois sois, céu de Lisboa, o Céu na Terra !

Tejo

Tejo...
Desejo...
Beijo...
Vaga
que alaga
as rochas,
roxas
à luz vermelha
dos faróis!

Tejo:
— lanterna
verde,
centelha
de estranhos sóis!

....

Rio
de graça eterna,
lembrança que jamais perde
quem uma vez o viu!

Rio de sonho e lenda,
oferenda de Deus;
prenda
dada às meninas,
ladinas,
dos olhos meus!

Estranho caleidoscópio
olhado por um artista
que tenha os olhos e a vista
embriagados com ópio.

Alabastros...
Astros...
Mastros...
Dormentes
cais,
ais
dolentes!...

Alvas areias...
Sereias...
Ocultos
vultos
nas margens...
Aragens...
Hálitos de Anjo!...
Chalupas em desarranjo...
Vapores
e palhabotes,
botes,
canoas, galeotas,
rolas do mar e gaivotas:

— adeuses de pescadores !...
Cântico
de sereia,
em búzio sobre a areia
eternizado.

Tejo:
— beijo
do Atlântico !
Romântico
troveiro enamorado.

Os cais

Há nos cais uma funda turvação
que é semelhante à dor do Pensamento,
como se os cais tivessem coração,
como se houvesse neles sentimento!

Há nos cais expressão suave e triste,
plena de graça incógnita, secreta,
e essa expressão mais acentuada existe
nos lindos cais do Tejo lisboeta!

Maresia de sonho manhã cedo
e maré cheia de Mistério à tarde,
tomam os cais ora um aspecto ledo
ora um soturno ar, no inquieto alarde
da vaga ao dar na areia e no rochedo!

Mas ai, além deste ar, comum a todos
os cais da Europa, os cais de todo o Mundo,
os lindos cais do Tejo têm, por modos
outro aspecto mais belo e mais profundo!

Pois, a par dos aspectos que regista
nossa visão, há outro, espiritual:
— Foi deles que partiu para a Conquista,
— (entre louros e cânticos, na pista
dos mundos ignorados) — Portugal!

Pombos

Pombos lisboetas,
citadinos pombos,
saltitando
aos tombos
por sobre as valetas,
alvos, cor de neve!...

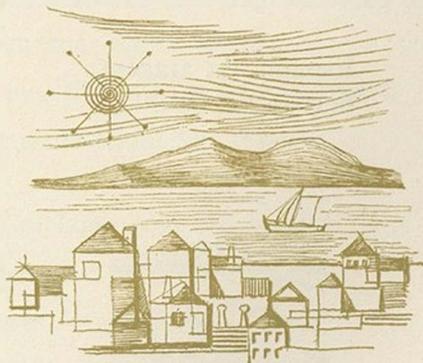
Bando
esvoaçando,
deslizando
brando,
leve,
levemente,
sem nenhuns embargos,
sobre a gente,
os largos,
postos, fios, linhas
da electricidade!...
Pombos lisboetas...
Pombos da cidade!...
Bando que esvoaça
que saltita e voa,
pestaneja graça...
Pombos de Lisboa!

Encantado
bando,
descuidado
e franco;
príncipes noivando
suas princezinhas:
— grandes andorinhas
vestidas de branco!
Pombos alfacinhas!
Pombos lisboetas!
Citadinos pombos
saltitando,
aos tombos,
por sobre as valetas,
em perpétuo bando
que esvoaça e voa!...
Cândido sorriso...
— Riso
de Lisboa!

Outra-Banda

Cacilhas, Seixal, Alfeite,
Barreiro, Palmela, Almada !...
. . . .

. . . .

Luz-bruma... champanhe e leite !
Estranho cenário ! Enfeite,
deleite
da «Lísbia» amada.

Gaivotas

Gaivotas, gaivotas, gaivotas em bando !...
Lenços de cambraia,
dos cais e da praia
acenando !
Lindíssima imagem
do Adeus !

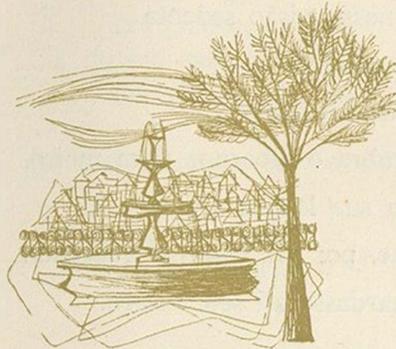
Gaivotas, gaivotas... gaivotas voando,
em camaradagem
tão franca,
a nuvem mais branca
dos Céus !...

Gaivotas, gaivotas, gaivotas em bando !...
....
Espuma da aragem...
Sorriso de Deus !...

S. Pedro de Alcântara

São Pedro de Alcântara, largo
cimeiro sobre a cidade,
miradoiro
todo de oiro
e cheio de claridade
que, sem o mínimo embargo
à nossa visão sedenta
de altura
e de liberdade,
lembra o albornoz dum moiro,
em sua leitosa alvura,
que, por mil cento e quarenta,
guardasse ali seu tesoiro.

Um lago, com seu repuxo,
tem por luxo
este recanto feliz,
onde, dum gradeamento
com alguns renques de buxo,
resguardadinho do vento,

se divisa
uma petiza,
um petiz,
quais passarinhos
em derredor dos seus ninhos,
à sombra dum pavilhão
a adejar sobre o seu mastro,
um dos parques infantís,
criação
da Poetisa
Dona Fernanda de Castro.

Chiado

Coração da cidade, palpitante
de agitação, de movimento e vida,
muito embora, por vezes, de inconstante,
frívola, ingénua e inconsciente lida.

«Rendez-vous» de janotas,
de elegâncias preciosas, antipáticas,
pseudo aristocráticas,
supinamente idiotas.

Chá das cinco... Garrett, a Marques, a Bernard,
onde o chá é apenas um pretexto
para se dizer mal;
intrigar,
cochichar,
namorar,
fora o resto
que se não diz mas que é o principal!

Café da Brazileira... café novo,
com políticos sempre em berraria,
discutindo, — (conversas que não louvo) —
aquilo que primeiro existiria:
se a galinha, se o ovo
ou a Democracia.
Defensores acérrimos do Povo
que, sem eles, talvez, bem melhor viveria!

Rua Augusta

Rua Augusta de augusta majestade,
que um Arco de Triunfo adorna e coroa:
— o mais belo ornamento da cidade...
Porta aberta do Porto de Lisboa!

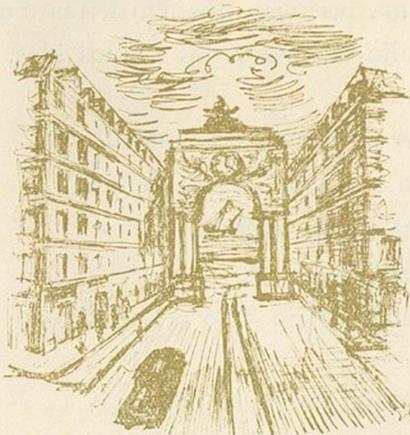
A Glória coroando com seu louro
Valor e Génio em mármore esculpidos,
encima uma inscrição que, em letras d'ouro,
atesta o alto esplendor dos tempos idos.

As figuras do Gama, de Pombal,
de Viriato e Nuno Álvares Pereira,
ladeiam este arco triunfal,
a cuja beira
figuram, inda, o rio Tejo e o Douro.

Rua comercial de franco acesso,
de instituições bancárias, lojas, montras,
modas, malas de coiro,
peles, lontras,
raposas e carteiras de alto preço.

Automóveis em fila, buzinando,
num andamento
lento,
cauteloso,
à margem dos eléctricos seguindo,
dos eléctricos carros tilintando,
num alarme ruidoso
mas tão lindo!

. . . .

Rua através da qual o Tejo envia
o seu rócio ao Rossio da cidade,
feito nuvem, tornado maresia!
Rua Augusta de augusta majestade!

Anúncios luminosos

Anúncios luminosos... Resplendor
de Quermesse, fantástica Verbena!...
gargalhadas de luz, berros da cor!...
Metamorfose...
Mutação de cena...
Em plena
apoteose!

....

Cartilha luminosa do Reclame,
onde dos nossos olhos as meninas
preparando se vão para um exame
do Curso espiritual, cujas propinas
são de graça; mas graça de quem ame
não só as coisas grandes, pequeninas!

....

—SANGUINAL

M —GRAHAM!...
E CABINAS PÚBLICAS
I OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
A CAFÉ DO GELO
S —LUNA PARQUE—

—NICOLA—

e um mundo de cartazes luminosos
a esmo, a eito,
à toa;
com desenhos curiosos
de incandescente efeito!
Luminosos anúncios de Lisboa!...

Rossio

Rossio: — Praça d'oiro... Pombos, pombas...
El-Rei D. Pedro IV numa estátua,
em atitude um tanto ou quanto fátua;
— (Poeta, cessa a ironia; porque zombas?!...).

É que El-Rei está tão alto, ao topo, ao fim
duma coluna tão estreita, em suma,
que a uma grande distância, lembra uma
tocha num candelabro de marfim.

Obra de artistas estrangeiros, tem,
contudo, em baixo, quatro maravilhas;
quatro figuras belas, nobres, filhas
da Arte clássica, a abençoada Mãe.

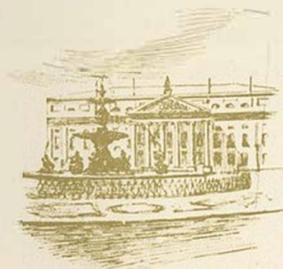
Dois grandes tanques, laterais,
aos quais
os pombinhos, às vezes, vão beber;
tanques monumentais
que é um gosto ver.

Vendedeiras de flores,
cujas cores,
em roda,
sob este sol, — *made in Lusitania* —
enchem a praça
toda,
da sua linda e momentânea
graça.

Praça
rectangular;
Rossio,
rico tesoiro,
que em doce e furtivo olhar,
por entre uma rua de oiro,
espreita, a distância, o mar!

. . . .

Formigueiro de gente
num vai-vem,
poalha de oiro, faúlhando em nosso olhar;
eléctricos, «coupés»
e «autos» em permanente
buzinar...

Ao fundo, em peristilo,
o Teatro Nacional
e, um pouco mais além,
a Central
do Rossio — a linda gare —
com seu formoso, manuelino estilo!

Rua do Ouro

Rua do Ouro: — corredor sombrio,
entre espaçosas salas de visitas,
arejadas e claras — tão bonitas:
Praça de D. José e a do Rossio.

Rua do Ouro verdadeiro e falso;
do maltrapilho e da que sedas usa,
onde o sapato de verniz se cruza
com o roto chinelo e o pé descalço.

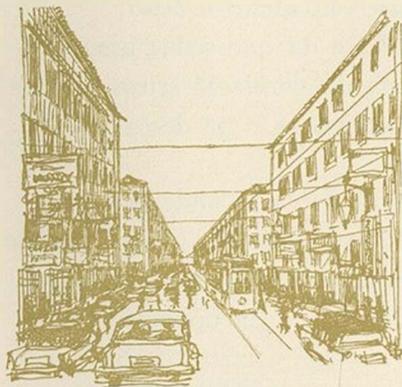
Das vitrinas de fulva incandescência,
dos pregões: — *O Diário!... Hoje anda a roda!...*
Dos grandes armazéns da grande moda;
da miséria doirada e da opulência!

Rua do Ouro: — palco de revistas...
Ecran-Pathé-Jornal onde eu deparo
pretos passando com monóc'lo d'aro,
e um coco todo gris a dar nas vistas.

Correctores da Bolsa e burocratas,
em trágico ou grotesco redopio,
e os que vão empenhar ao Monte-Pio
a última bandeja e últimas pratas.

. . . .

Rua do Ouro: — principal artéria
da linda capital
de Portugal,
ora truanesca, ora tão grave e séria!

Rua do Ouro e de ouropéis... feéria
de luz e cor... Olhai!... Cómica e trágica
projecção da existência temporal,
com seu aspecto caricatural,
vista através de uma lanterna mágica!

Terreiro do Paço

Terreiro do Paço, berço
de gaivotas em bando,
quando em quando
disperso
na aragem branda:
— adeuses de níveas asas
às casas
da Outra-Banda.

Radiosa
praça,
— (graça luminosa,
luz de mil primaveras,
condensada,) —
com seus arcos
em pedra rendilhada,
evocando o esplendor de antigas eras. . .
Doca imponente, principesca entrada
de barcos
e galeras!

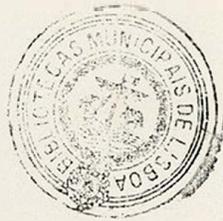
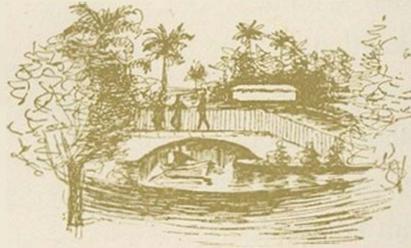
Campo Grande

Campo Grande... Recreio de Lisboa...
vasto jardim onde qualquer pessoa,
mesmo adulta,
depara sempre a sua própria infância;
e, como outrora, novamente exulta,
ao mirar-se no espelho da Distância.

Campo Grande... Paisagem florestal
de eucaliptos, plátanos, cedros, tílias...
Retiro dominical
de pacatas famílias.

....

Chalé das canas, chalézinho airoso,
onde o meu coração, pleno de gozo,
entrava, quando infante, em lufa-lufa;
museu miniatural,
— (entre avencas, begónias, fetos, cólios
e outras plantas de estufa,) —
com seu aquário e uns pequeninos óleos
reproduzindo ingénuos mas discretos
aspectos
da capital.

paulo.
1935

Lago enorme com chatas de recreio,
entre lindos canteiros perfumados
por amores perfeitos e violetas,
o qual dir-se-ia feito expressamente
para o êxtase, encanto e doce enleio,
ai não de toda a gente
mas, sim, de namorados
e poetas!

Cafés

I

Café Martinho,
onde eu poeto
lá num cantinho
meu predilecto...
Compuz ali,
um pouco à tonta
e em desatino,
versos sem conta,
— (Senhor, Senhor,
nem sei p'ra quê!...) —
entre um contínuo
charivari
que p'ra mim é
embalador!

Amplo café
com alto tecto
e galeria
segundo alçado
dum arquitecto
de alta valia;

mas decorado,
por mau artista
bom posto à prova,
em pobre estilo,
que fere a vista
e faz franzir
a sobrancelha,
lembrando aquilo
que um baluarte
da *Critiquelha*
quis definir.
por Arte-nova;
mas não é arte
nova nem velha.

II

Brazileira do Chiado...
Café de bem poucas vistas,
acanhado.
Contudo, bem decorado
por artistas
modernistas
que dão brado.

Por Viana, por Almada,
Soares, José Pacheco,
artistas de nomeada.
José Pacheco?! Assim não!
José Pacheko com kapa...
Quem tem capa sempre escapa...
lá diz o velho rifão.

Carvalhais, Bernardo Marques e Barradas...
todos ases,
bons rapazes
e com talento às carradas.

Excelentes camaradas
que de vez enquando mangam
uns dos outros por loquazes;
mas tão depressa se zangam
como fazem logo as pazes.

As varinas

Varinas de Lisboa... Eis as peixeiras
de estirpe oriunda, regional, de Ovar,
Olhos garços, trigueiras,
de boca em coração e vivo olhar.

Ei-las enchendo as ruas de harmonia,
com seus trajos garridos, arrecadas,
os cordões d'oiro; a cinta estreita, esguia
e amplas saias rodadas,
repuxadas
e enroladas
ao cimo dos quadrís,
meias verdes, chinelas de verniz
e um ar feliz
cheio de mocidade.

Dir-se-ia que vão cantando,
o peixe apregoando
pelos becos e ruas da cidade;

A mão na cintura posta
a tamancarem no asfalto:

— «Merca a pescada do á-á-á-alto !...
olha a vivinha da có-ó-osta !...»

....

Varinas... Ovarinas de encantar !
Bonequinhas na montra citadina,
com que dos olhos meus cada menina
passa horas e horas a brincar !

Hospital de Rilhafoles

Rilhafoles: — Hospício de alienados,
aos Mártires da Pátria, asilo pátrio,
instituto dos mártires da Ideia,
cujo átrio
se vê, de ambos os lados,
entre muros, caiados,
pintados de amarelo:
— o desespero, a luz em seu declínio
e onde as vagas da vida, em maré cheia,
vão bater, em cachão, quebrando o elo
que liga o Pensamento ao Raciocínio.

Celular cativeiro
que para quase todos jamais finda,
onde cada funesto prisioneiro
tem de cumprir a pena do berreiro,
pior que a pena do silêncio ainda !

Horror, horror !...
Que miseranda sorte !...
Senhor, Senhor,
Senhor Omnipotente,
porque não lhes valeis dando-lhes morte? !
Porque há-de o fraco sofrer
as culpas do que era forte
e honesto não soube ser? !

Ei-los que passam, expiando o Crime
dos seus antepassados, tara horrível,
que nenhum acto redime
e cujo drama, horrendo, é indescritível.

....

Julga-se aquele o Rei da Conchinchina...
Traz o peito coberto de medalhas,
grandes moedas, pequeninas malhas
areadas,
furadas,
penduradas
por fitinhas de seda em várias cores
e, na cabeça, enorme barretina
enfeitada com flores.

Triste sina!
Megalómano, o Sonho, em maré cheia,
em catadupas, Niagara ardente,
avassalou-lhe as células da Ideia
e varreu-lhe a memória brutalmente!

Eléctricos

Eléctricos lisboetas, eis os carros
mais confortáveis, limpos e bizarros
da Europa inteira.
Com seu vivaz aspecto e graça prazenteira,
doiradinhos ao sol, à clara luz do dia,
completando a harmonia
do seu «charme»
com seu sinal de alarme
a tilintar assim:
— Tim-tam... tim-tam... tim-tim-tim... tim-tam... tim... tim...

Quase sempre repletos, apinhados
de passageiros...
Ostentando, no topo, os seus letreiros
tão típicos, tão nossos e engraçados:

— BENFICA — LUMIAR — BRASIL — RIO DE JANEIRO —
— SANTO AMARO — BELÉM — CAMPO PEQUENO — ATERRO —
— CAMPO GRANDE — TOREL — POÇO DO BISPO — AREEIRO —
— ROSSIO — ARCO DO CEGO — AJUDA — ESTRELA — GRAÇA —
e — S. BENTO — ALECRIM —
— CAMPOLIDE — DAFUNDO —
ou — CAMINHO DE FERRO —

com seu sinal de alarme a tilintar assim,
enchendo de harmonia a rua, o largo, a praça:
— Tim-tam... tim-tam... tim-tim-tim... tam... tim!

....

Eléctricos lisboetas... Eis os carros
mais alegres, mais limpos e bizarros
da Europa toda; até de todo o mundo!

Tarde de toiros

Domingo !... Céu azul, bandeiras, luz festiva,
música, um regimento !... Um sino a repicar,
um viva, mais um viva, outro viva, outro viva !...
salvas no Tejo: — Pum !... Foguetes pelo ar
e silvos: — o apitar,
como um forte assobio,
duma locomotiva
no Rossio !...
Eléctricos: — «Tim-tam... tim-tim-tim... tim-tam !...»
Buzinas: — «Pó-pó-pó !...»
Oh,
Que alegria pagã
anda a pairar
no ar
desde manhã !

Céu de cristal, estranha alacridade !
Dia de sol ardente, sol a jorros,
a brilhar
a fulgir,
a rir,
a gargalhar
sobre os longínquos morros
da cidade !

Povoléu... Povoléu endomingado,
de calçado
engraxado
e fato novo...
Formigueiro de povo
num vai-vem,
tanto
ou quanto
inconsciente
e frívolo, porém,
satisfeito, contente!

Ecôa no ar da tarde domingueira,
pelos Restauradores,
o apregoar de alguns contratadores:

— «Barreira, sombra-sol, contra-barreira!...»

Em derredor dos tanques do Rossio,
pombas em redopio,
voam, entontecidas,
circundando o repuxo...

Cavaleiros, peões, autos e carruagens,
equipagens
de luxo,
sobem, em fila, as amplas avenidas.

Campo Pequeno: — ervinhas, margaridas,
irrompendo por entre o encalcetado,
o empedrado
da praça, em face e ao lado
de alamedas, chalés e miradoiros!

Praça... Praça dos Toiros,
linda praça,
evocando, com seu árabe estilo,
aquilo
que, legado pelos moiros,
ficou em nós, herança duma Raça!

Tourada à antiga portuguesa,
reza
o programa da festa, — linda festa ! —
no cartaz que, ao portão,
ora atrai ora chama
a multidão
que, em massa,
logo corre,
acorre
lesta.

Toda em degraus — (alugam-se almofadas
e vendem-se os retratos dos toureiros) —
a barreira no extremo das escadas,
em cima camarotes, galinheiros !

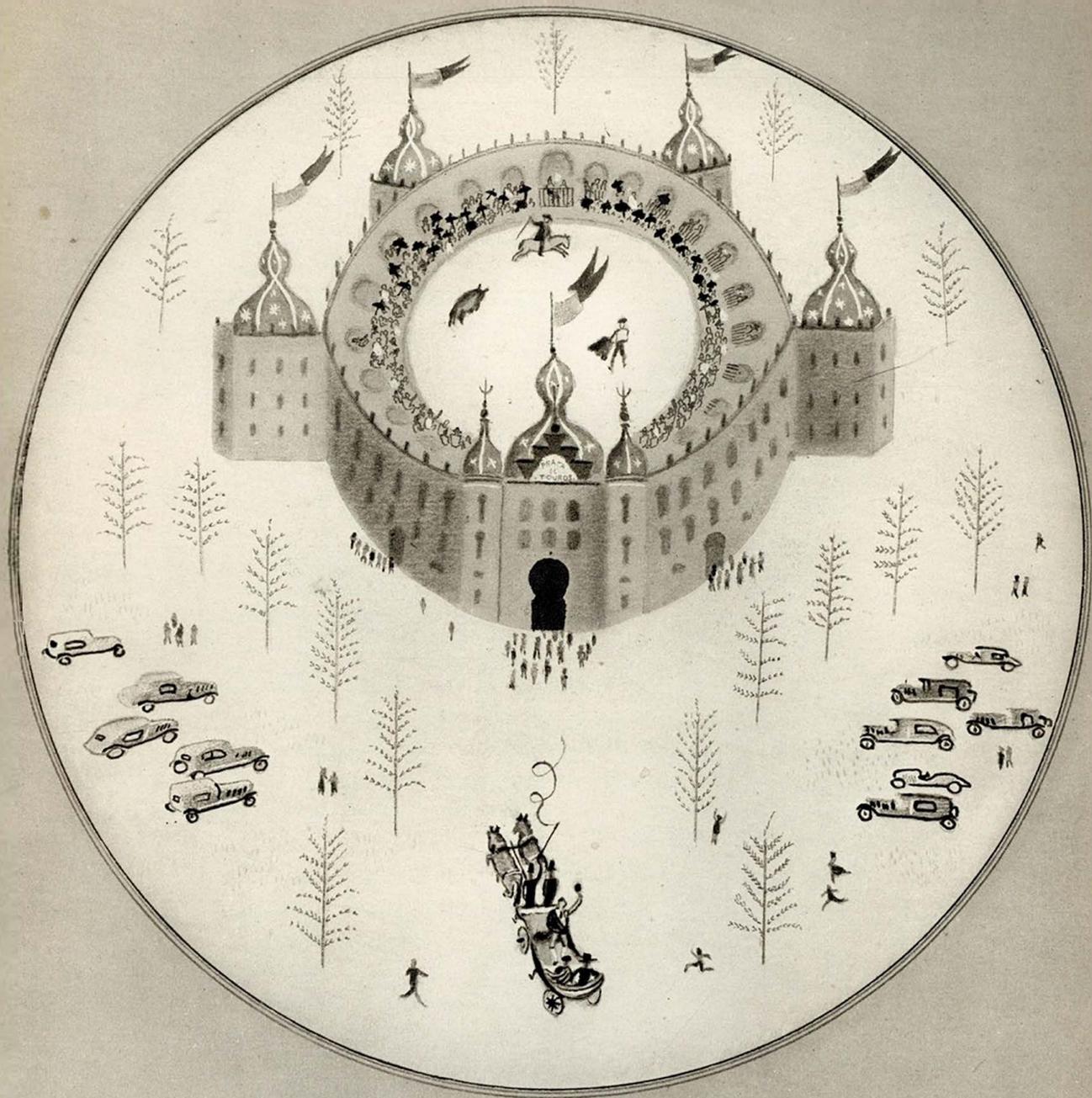
Em baixo, ao centro, a arena, cor de chama,
e céu, céu doiro e azul, por tecto, ao alto;
adivinha-se um vago sobressalto
no olhar sentimental de cada gentil dama,
a dama portuguesa,
a que mais preza
e ama,
mais vibra e sente a audácia, a valentia,
a ousadia,
a destreza !

Metade ao sol, outra metade à sombra,
uma parte da praça fica de oiro;
perpassa em nós um não sei quê que assombra,
memória vaga de áureo tempo moiro !

Irrompe a orquestra: — a Portuguesa !... Surge
o Senhor Presidente da República...
Ergue-se a praça, em peso, como pública
prova de apreço e de respeito. Urge
dar começo à toirada... Alto, um clarim
anuncia o espectáculo e na arena
desenrola-se, enfim,
a linda cena,
praxe protocolar das cortezias.

À Luís XV trajados
plenos de pitoresco e galhardia,
dois airosos,
garbosos
cavaleiros,
por entre perfilados
toureiros
e forcados
dando uma volta pela praça, em roda,
com gentileza, com aprumo e graça,
saúdam a praça
toda.
Cessam as cortezias. Principia
a luta
entre a destreza, a graça e a força bruta,
entre o feroz instinto e a valentia.

Agora, um cavaleiro, a sós, na praça,
aguarda o novo toque de clarim
que abre a porta do curro,
donde, enfim,
dando um urro,
e a espumar o seu ódio avança um toiro.

Sobe da arena uma poeira de oiro,
envolvendo corcel e cavaleiro;
no cachaço da rês
parte-se a farpa
cravada pela dextra
do toureiro,
junto à escarpa
da praça, isto é: — rés-vés
da trincheira e à rês se escapulindo!
Irrompem, novamente, a orquestra
e as palmas,
palmas de seis mil almas
aplaudindo.

paulo.
1935

Mais outras investidas, novos ferros
cravados no cachaço, a escorrer sangue,
da pobre rês que, aos berros,
uivos e urros, quase tomba, exangue!

Ao toque do clarim recolhe o toiro e logo,
a novo toque, outro aparece, altivo,
pelas narinas expelindo o fogo
do seu feroz instinto, ágil, vivo,
todo desembaraço.

Surge na arena, desenvolto, activo,
outro bandarilheiro e outro e um capinha
e inda outro mais. Ora fareja o espaço
a fera ora focinha
olhando as capas, escutando os berros
e as «piadas do sol» que a «geral» solta,
raivosa, dolorida pelos ferros
em volta
do cachaço!

— «À unha, à unha!...» grita a praça, agora;
saltam à arena os moços de forcado;
um vai à frente, açula o toiro...

Ousado,
aguarda que ele avance...
— (torna-se de oiro
a hora) —
e, num heróico lance,
num remoque,
de braço
e corpo feito,
apara o golpe, o embate, o choque
em pleno peito;
e entre as armas da rês se ergue no espaço!

Correm os outros moços a auxiliar
o que, entre as armas da fogosa rês,
se debate, se agita, ora no ar
ora rés-vés
do solo, a estrebuchar
com a cabeça e os pés.

Agarram-se um à cauda, outros ao lombo
do novilho que espuma em ânsia viva,
tentando, assim, amenizar o tombo
do companheiro que da rês se esquiva.

Impotente, vencida, a fera ajoelha;
irrompe a orquestra novamente e palmas,
palmas de seis mil almas,
c'roam, agora, a pega de cernelha.

Um novo toque de clarim rebôa;
abre-se o curro.
Um novo urro
ecôa
em toda a praça:
— entram as chocas e os campinos. gémeas
na idêntica aparência, cor de sêmeas
têm não sei bem que ar de ternura e graça;
enternece-se o toiro olhando as fêmeas !...

Entretanto
perpassa
na geral
um rumor de risadas e um sussurro,
enquanto,
pela praça,
chora longo, rebôa
um novo urro...

Que lindas as toiradas em Lisboa !
Que belo é o Toureio em Portugal !

Corrido o oitavo toiro, eis finda a festa!

Numa estúrdia,
em balbúrdia,
ergue-se, lesta
e em massa,
a grande mole, a gente;
esvazia-se a praça
lentamente.

Já cá fora, no largo, a multidão,
em burburinho,
alarde
e confusão,
assalta os carros: — «autos» e «tipóias»,
eléctricos, «charrettes»,
brilham jóias
ao rubro sol da tarde,
que arde,
lindo,
fulgindo
nas janelas, postigos, clarabóias
dos «chalés» e dos ricos palacetes
ladeando a Avenida
onde um novo cortejo de equipagens,
carros e carruagens,
descem, já de regresso
numa garrida
fila festival.

Em tipóias abertas, os toureiros
com seus típicos trajos de alto preço
— (relembrando o encanto da corrida
e atraindo a atenção dos passageiros) —
vão fazendo um sucesso!

. . . .

Às olaias e acácias da Avenida,
— (corpinho tenro, débil e sem músculo,
minúsculo,
a confundir-se com a própria folha...) —
principia a recolha
dos pardais,
em chilreios frenéticos,
quais
ais.

Tomba do céu a cinza do crepúsculo!...

Entretanto, iluminam-se os «eléctricos»;
acendem-se os anúncios luminosos
e torna-se feérica a cidade!

. . . .

Domingos de Lisboa, tão graciosos,
de tão suave e doce amenidade!

Tardinhas de Portugal,
de inexcedível encanto
e doce enleio profundo,
pois que não têm rival
em nenhum canto
do mundo!

Avenidas novas

Avenidas novas, novas avenidas...
planas, compridas,
razas;
abrigando em suas casas
vidas novas, velhas vidas.

Vidas novas de senhores
rotineiros
mas finórios
que têm seus escritórios
na rua dos Retrozeiros,
Nicolau ou Douradores.

Que ao fim duma vida inteira
de trabalho,
às vezes com maroteira,
outras com economias,
em padarias,
num talho,
em casas de comissões,
penhores, retrozarias
ou outras ocupações,

fartos
de quartos
estreitos,
entre paredes, saguões,
com parapeitos
defronte,
sentiram, por fim, a ânsia
de começar vida nova,
com uns palmos de Distância
e uma nesga de Horizonte
antes de irem para a cova.

. . . .

Avenidas novas, novas avenidas,
rasgadas, amplas, compridas!

Bebèzinhos passeando com as aias,
entre olaias
floridas!...

Ferro velho

F erro-velho !... Ferro-velho !...»
E o pregão sobe no espaço,
fanhoso, nasal, rouquenho;
— «Ferro-velho !...» Velho-relho,
com aspecto de judeu,
perfeito tipo de entrudo,
que faz lembrar um Faz-tudo,
palhaço
do Coliseu.

— «Ferro-velho !...» pregão rouco...

Leva, em grande reboliço,
chapéu de coco, ao toutiço,
chapéu alto sobre o coco,
tudo posto às três pancadas,
como um louco
fugido de Rilhafoles.

Quatro panelas furadas,
na mão esquerda dois foles;
um varão de ferro sobre
o ombro direito e, na dextra,
uma batuta de orquestra
e uma vazilha de cobre.

. . . .

— «Ferro-velho !... Ferro-velho !...»

E o pregão sobe no espaço
fanhoso, nasal, rouquenho...
— «Ferro-velho !... Ferro-velho !...»

O sota

Com destreza e com despacho
eis o sota a saltar: — upa... !
à garupa
do seu macho:
— «Tac-tac-tac-tac...
rua acima, rua abaixo,
à procura de quem queira,
na ladeira,
o seu macho
em dianteira!

Apesar de «massas» falto,
de ser um pobre diacho,
o sota está sempre alto,
olha de cima p'ra baixo!

— Tac-tac-tac-tac...
pelas rampas e calçadas...
— «Quer uma ajuda, ó freguês?!...
As suas bestas, coitadas,
vão-se-lhe abaixo dos pés!

— «Vá lá a ver!... Atrela, amarra
a dianteira aos cavalos!»
Põe-se o chicote aos estalos
e principia a algazarra:

— «Upa, upa, upa, arriba!
Anda macho
que te racho...
que te escacho,
eh diacho;
upa, upa, arriba, upa!

Ô-ô-ô-ô-ô-ô-ôh.!..

Arqueia, o macho o seu dorso,
f'rindo lume na calçada,
e, num titânico esforço,
galga a rampa a carroçada.

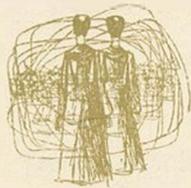
Já no cimo da ladeira,
desatrela a dianteira,
com ligeireza e despacho;
e eis, de novo, o sota: — upa...
na garupa
do seu macho!

Padres inglezinhos

Oh, os padres inglezinhos!...
Ei-los, lá vão, sempre aos pares,
com seus ares
de bizarros passarinhos.

A passo largo, mãos dadas,
olhos claros como espelhos,
faces imberbes, rosadas.
Escapulários vermelhos,
negras sotainas, pregueadas,
mesmo rés-vés dos artelhos.

Nunca lançam seus olhares
para os lados.
Que engraçados,
que airozinhos,
com seus ares
de bizarros passarinhos!

Oh, os padres inglezinhos,
ei-los, lá vão, sempre aos pares!...

A florista

Exibindo o seu cestinho
polvilhadinho
de cores,
linda florista apregoa
pelas ruas de Lisboa:

— «Merca o raminho de flores!...

Perfuma-se a rua toda
e em sua roda
torna-se de oiro
o ar,
mais brilhante o seu olhar
e o seu cabelo mais loiro!

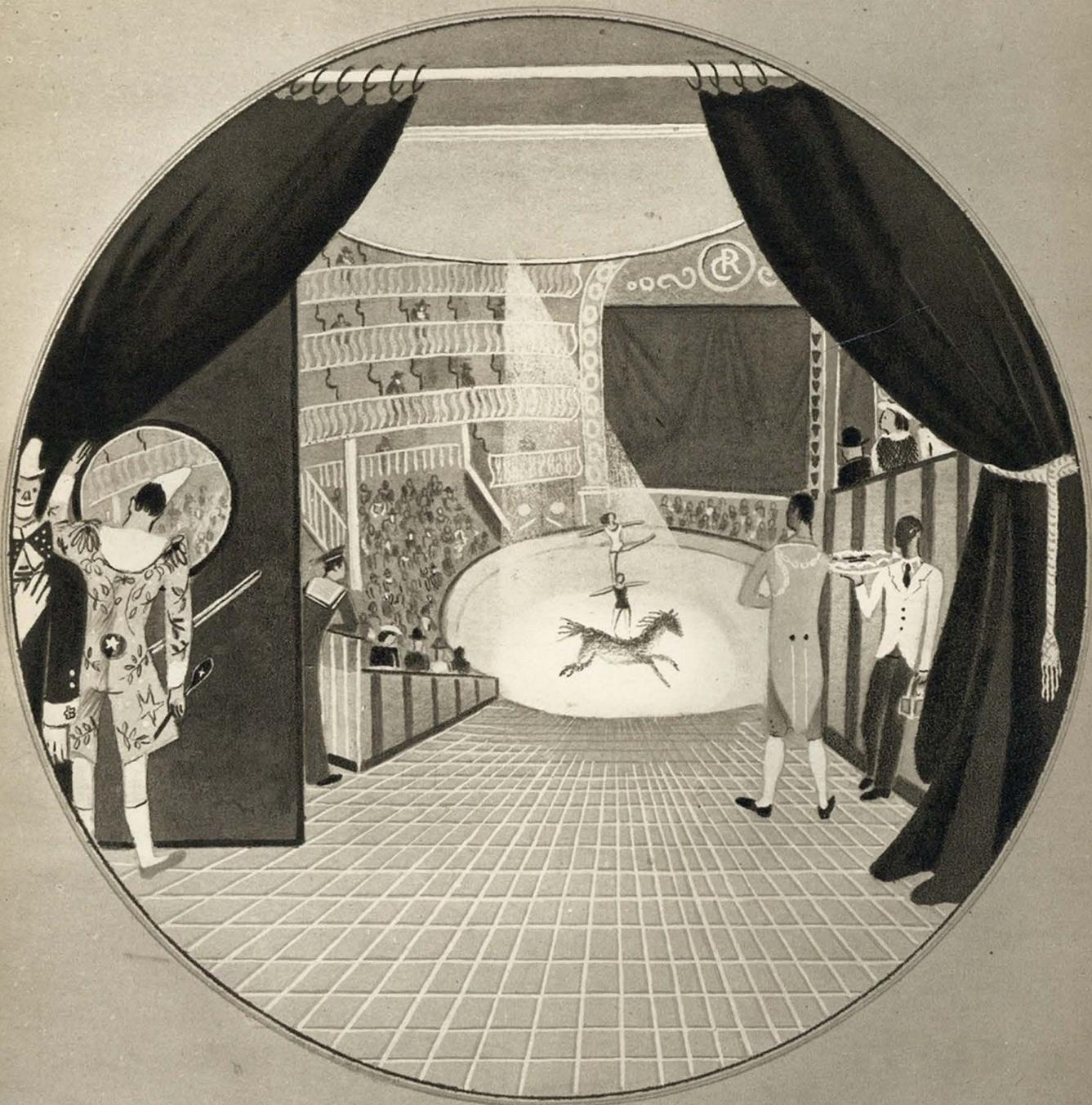
Cheia de graça
passa...
parece uma flor também!

Quem há que resista,
quem,
à graça desta florista,
com tal palminho de rosto?!

Ninguém, -aposto,-
ninguém
que, embora não seja artista,
se preze de ter bom gosto!

Coliseu

Coliseu dos Recreios...
Coliseu português,
com cadeiras, geral e camarotes cheios
de avós, papás e «misses» com bebés.
Espaçoso, amplo átrio, circundado
por vivazes
cartazes
cintilantes de cor:
verde, azul, amarelo... que sei eu!...
Lance monumental de escadaria, ao fundo,
dando acesso a um enorme corredor
abobadado.
Coliseu dos Recreios, Coliseu
dos maiores do mundo!

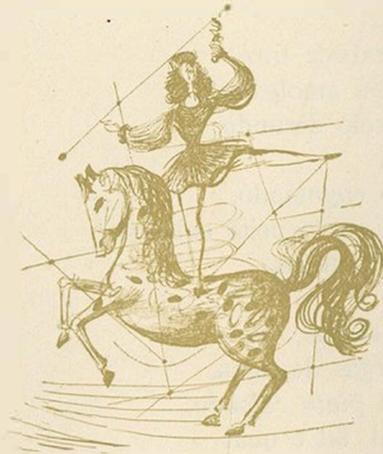
Enorme, vasta sala de espectáculos,
em cuja arena,
saltando mil obstáculos,
uma acrobata morena,
de «maillot» cor-de-rosa,
sobre fogosa
hiena
domesticada,
grita,
pula, saltita,
desembaraçada:
— «Allôh... Allôh... Allôh... Allôh...»
entre palmas e risos infantís.

pablo.
1935

Um petiz,
que gostou,
ao avô diz:
— «*Avô,*
peça mais bis, mais bis!...»

E repete-se a cena
da acrobata morena,
de «maillot»
cor-de-rosa,
sobre a fogosa
hiena.

Vem agora um Faz-tudo
que, afinal,
pouco faz;
sobre a cabeça traz
um chapéu amolgado;
sobre o colo desnudo,
decotado,
colarinho engomado,
deixando ver o peito cabeludo;
as calças bambas,
ambas
as mãos caídas,
e as ilhargas descidas,
como um *pinto calçudo,*
tal e qual, tal e qual
um mascarado
no Entrudo.

Outro palhaço, entanto,
com seu trajo a luzir,
cheio de lantejoulas,
surge agora, a outro canto,
fazendo, com mil graçolas,
esgares e cabriolas,
as criancinhas rir.

E outro bebé,
feliz,
às palmas, entusisamado,
diz
aos do lado:
— «*Zé,*
Chico, Juca, Mané,
peçam mais bis, mais bis!».

O barquilheiro

Barquilheiro !... Barquilheiro !...
Veio de Espanha à aventura,
sonhando a grande ventura
de amealhar algum dinheiro !

Barquilheiro !... Barquilheiro !...

Boina basca, azul escura,
fatiota em bombazina,
rubra facha...
Se não fora a linda caixa,
tinha o aspecto, a figura
dum pobre moço de esquina
ou mesmo até dum pedinte.

Olhos da cor do tabaco
e um sorrisito velhaco
sem requinte
mas, por vezes, com acinte,
sempre que os miúdos fregueses
dão no vinte.

Presa
por longos atilhos
de correia
traz a caixa dos barquilhos
que, apesar de muito cheia,
pouco pesa,
pois é bem leve o recheio
em lasquinhas sobrepostas;
parece que traz às costas
uma caixa de correio!

Os ardinas

I

Nove anos de idade... Eis o ardina, o gaiato
vendedor de jornais,
vivo como os pardais
e esperto como um rato!

Calça comprida já, cigarrito na boca
e um ar pimpão,
por entre a confusão
e os ruídos frenéticos
das carroças, tipóias, dos eléctricos,
num constante zum-zum
e em fúria louca;
voz grossa já, apregoando rouca;

Nunca teve ama que lhe desse o leite,
beijos, carinhos, como os bebésitos
que usam fato à maruja e uns apitos
a servirem de enfeite,
tão bonitos!
Bebésitos que andando pela mão,
das mamãs ou avós que os estremecem,
nem sabem por onde vão...
pois nem as ruas conhecem!

Não os inveja — (coitados !) —
no fundo, são uns atados;
se os desafia um mais velho,
fogem... Uns línguas de trapos !...
Não sabem dar dois sopapos
como ele, mesmo fedelho
e embora vivendo à míngua;
nem têm resposta pronta,
como ele, à ponta
da língua !

Nunca teve um presente,
um bonito qualquer,
que se limita, ùnicamente,
a ver
nas montras dum bazar,
ou na mão dos meninos
— bebés finos —
que veem de os comprar:
— um cavalo, uma bola,
soldadinhos de chumbo,
uma pistola !...

Mas, apesar disto tudo,
todo entregue à sua lida,
nada lhe causa desgosto;
pois, assim mesmo miúdo,
já sabe ganhar a vida
com o suor do seu rosto !

II

O gaiato dos jornais
já trabalha
para os pais...
Fronte erguida,
corre, berra,
corre, vôa !...

já batalha,
já labuta,
luta,
lida
nesta guerra
que é a vida.
Nervosos, ágeis, frenéticos,
magrinhos, quase esqueléticos,
aos estribos dos eléctricos,
ei-los subindo,
sorrindo
sempre contentes, felizes.
E ao verem, neles sentados,
quanta vez outros petizes,
das mesmas idades deles,
bem trajados,
— (em suma: — crianças finas...) —
daqueles
que andam envoltos em peles,
conduzindo,
possívelmente, algum brinquedo lindo
num grande embrulho,
os ardinas
não os invejam jamais!

Cheios de orgulho,
fazem inda mais barulho,
apregoando os jornais!

Canção de Lisboa

Lisboa dos eléctricos passando
numa toada viva, tão louçã,
ruas, largos e praças alegrando:
— «Tim-tim-tan!... Tim-tan! Tim-tan!...»

Lisboa dos pregões tão prazenteiros...
Canastrinhas com peixes, fruta ou frangos,
perus em bando, ardinas, cauteleiros...
— «Merca o cabaz de morangos!...»

Lisboa de assobios e descantes,
das serenatas e do «fala só»!...
Lisboa das buzinas ressonantes:
— «Pó-pó-pó!... Pó-Pó!... Pó-Pó!...»

Lisboa das gaivotas sobre o Tejo,
dos pombos no Rossio e pardalitos
na praça de Camões, em doce adejo,
chilreando, tão bonitos!

A
MELHOR
POMADA
AMÔR
TRAVESSA
DOS FIEIS
DE DEUS
4º BAIR.
VINHOS
COMIDAS
INSTRUÇÃO
VIVA
paulo
1935

Lisboa dos gatinhos nos telhados,
dormindo ao sol doirado, ronronando!...
Regimentos passando, perfilados,
formosas marchas tocando!

Lisboa, capital de Portugal,
cidade que do céu Deus abençoa,
por seu condão bondoso e natural!...
Lisboa: — Cidade boa!

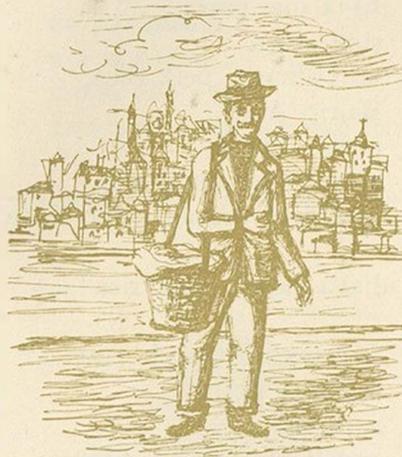
Quentes e boas!...

Quentes e boas!... Quem quer?!...
A escaldar, a escaldar!...
Pela tardinha,
a chover,
— (uma chuva miudinha) —
o pregão
sobe no ar:
— Quentes e boas! Estão
a escaldar, a escaldar!

Na grande cesta vindima,
por entre sarapilheira,
deixando saír, por cima,
novelos de fumaceira,
a bela castanha assada,
é a maior tentação
da garotada
que, ouvindo
o lindo
pregão
subindo,

pela tardinha a chover,
acorre, logo, a comprar...
— «Três um tostão!
Quem mais quer'?!

....

Quentes e boas! Estão
a escaldar, a escaldar!

A mulher da fava rica

— «Fava rica... fava rica!...

Ei-la que passa,
com graça
no Calhariz, pela Bica,
Bairro Alto
e pela Praça
a apregoar muito alto
mas num pregão muito lento:

— «Fava rica... fava rica!...»

À cabeça a grande cesta;
e dentro desta
a panela
envolta em alva linhagem;
dentro dela
a fava rica
para matar a larica
de quem não poude almoçar
na pressa de ir para a lida,
porque a Vida
os obriga a trabalhar!
Pouca gente em casa fica,
pois é esta a sua sina!

E o pregão sobe no ar:

— «Fava rica... fava rica!...»

Panelinha a fumegar,
entre a aragem,
na friagem
matutina!

— «Fava rica... fava rica!...»

Ei-la que passa,
com graça,
a caminhar,
devagar,
no asfalto
do pavimento;
e a apregoar
muito alto
mas num pregão muito lento:

— «Fava rica... fava rica!...»

O burro leva as cascas

Pelas
vielas,
becos, alfurjas, pátios e calçadas,
entre rascas
tascas,
pobríssimos andares,
altas moradas,
o pregão sobe nos ares:

— «O burro leva as cascas!...
Lé-é-é-é-éva a-a-as cá-á-á-áscas!...»

*

Negócio que nada custa
e não assusta
ninguém,
pois não há que dar vintém
nem receber patavina;
dir-se-ia
um momento d'ócio!

Mas depois de carregado
bem ajoujado
o jumento,
principia
o bom negócio
na primeira vacaria
duma esquina,
onde as cascas são deleite,
como alimento
e sustento
das vaquinhas que dão leite.

Ó «graxa»!...

Graxa !... ó Graxa !...
Voz que se eleva, se agacha
e sobe em pregão no ar:
— «Graxa !... ó Graxa !...
Ó freguês quer engraxar ? !...»

De tão pequena estatura,
fica à altura
dos joelhos do freguês;
quanta vez
inda mais baixo !
Vida humílima rés-vés
dos pés
da vil criatura
que a toma por um capacho,
com seu ar
de quem rebaixa,
toda a impar
de impostura !

«Graxa !... ó Graxa !... ó Graxa, ó Graxa !...»
Ei-lo apregoando,
e fumando,
já por vício,

nos breves momentos de ócio!
A tiracolo uma faixa
sustentando
a estreita caixa
dos utensílios do ofício,
que são todo o seu negócio!
Graxa... ó Graxa!... ó Graxa, ó Graxa!...

Mora numa água-furtada
onde, através da sacada
do pequenino postigo,
uma estreitinha janela,
à noite, contempla os astros
e onde, às vezes, muito embora
cansado de trabalhar,
durante momentos vela,
pensando, a sós, lá consigo,
com vontade de chorar:
— «O meu corpo anda de rastros,
pobrezinho como Job,
mas, agora,
a minha
alminha
sobe, sobe, sobe, sobe!...

Moço de fretes

Moço de fretes... passa
— (que miserável sina!) —
a vida toda à esquina
duma rua, dum largo ou de uma praça!

É de raça galaica, dessa raça
que é co-irmã da raça lusitana;
não o embaraça
a língua, toda graça,
e que, por tão par'cida, nos irmana!

Sempre à espera de alguém que o chame, o mande
a um recado, mudança, entrega de uma carta...
Seja o frete pequeno ou seja grande,
nunca, nunca se farta.

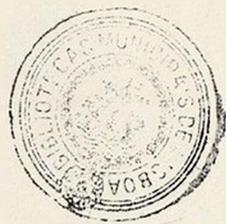
Sempre a suar em bica!... À sua lida
entrega-se com gosto;
ninguém melhor do que ele ganha a vida
com o suor do rosto!

Jerónimos

Mosteiro dos Jerónimos!... Poema
em pedra rendilhada,
cujo tema
é todo uma epopeia,
a epopeia dos feitos imortais
de uma raça de heróis, poetas e santos,
do mais puro quilate e bela gema,
expressa, assinalada
nas mil iluminuras dos vitrais,
em recantos
de excepcionais
encantos,
amálgama de sonho em maré-cheia!

Foi daqui que, num dia esplenderoso,
pleno de luz, de sol e alacridade,
no reinado de El-Rei o Venturoso,
fez frente ao mar a indómita ansiedade
de D. Vasco da Gama.

Mosteiro dos Jerónimos... sacrário,
relicário
de notória
fama.
Padrão da História...
Eterna chama...
Liminar da Glória!

paulo.
1935

1950

Lisboa, já não sois minha,
vós sois do meu filho agora.
Dentro de mim eu vos tinha;
hoje vejo-vos por fora.

Confesso que tenho pena
de vos ver desta maneira,
como quem está no Cinema,
sentado numa cadeira,
a ver um documentário.

O Cinema!... o Diabo a quatro,
sem o expoente literário
que imortaliza o Teatro,
pois que não passa, afinal
de estranho e hábil complexo;
dum fabrico industrial,
em que apenas, por reflexo,
a génese embrionária
do Teatro pontifica;
concepção parasitária,
embora, por vezes, rica.

Tivoli, Politeama,
o Eden, Condes, Royal,
S. Luiz... todos de fama,
S. Jorge, Monumental

e outros mais, por todo o lado,
cujas telas
são janelas
onde o povo, debruçado,
vê o mundo através delas.

....

Lisboa do Aeroporto...
aviões cruzando o espaço,
com excessivo conforto
que nos deixa o corpo lasso.

De autocarros, ascensores,
dos automóveis em bicha
e o foco dos projectores
onde o meu sonho se anicha,
saudoso do tempo extinto!

Lisboa de encanto ausente!...
Lisboa que eu já não sinto
apenas por ser Presente!

Memória dos meus afectos
que em mim ressurge inda agora
mas que hão-de sentir meus netos
como eu a senti outrora!

Índice

Índice